

A REPRESENTAÇÃO CRONOTÓPICA NA COLEÇÃO “O BAIRRO” DE GONÇALO M. TAVARES

THE CHRONOTOPIC REPRESENTATION IN THE COLLECTION “THE NEIGHBOURHOOD” BY GONÇALO M. TAVARES

LA REPRESENTACIÓN CRONOTÓPICA EM LA COLECIÓN “EL BARRIO” DE GONÇALO M. TAVARES

 Fabiano Cardoso¹

1. Graduação em Letras. Doutorado em Estudos Literários. Instituição: Unesp/Assis. E-mail: pr_fabianoc@hotmail.com

ABSTRACT: The present articles analyses the collection “The neighbourhood” of the Portuguese’s writer Gonçalo M. Tavares. The relations between the characters with the space and time bring for the narrative provides the reflection of their significance for the plot. In the novels that are analysed in this articles Tavares building a place that lodges some greats names of the literacy and art of the all-time, amongst them are: Eliot, Brecht, Breton, Henry, Valéry etc. The relations between their characters are very singulars and intriguing, therefore, liable analysis. The theory of the chronotope learning this novels are based in the writer Bakhtin, he analyses the relations between space/time and your create motion of the interpretation of certain works literacies and movies. The collection analysed will introduce a few of the Tavares’s work and your relation with Bakhtin’s theory.

Keywords: Mikhail Bakhtin; Chronotope; Gonçalo M. Tavares; The Neighbourhood.

RESUMO: O presente trabalho analisa a coleção “O Bairro” do autor Gonçalo M. Tavares. As relações dos personagens com o espaço e o tempo criado pela narrativa proporciona uma reflexão de seus significados para a trama. Nos romances que serão apresentados nesse trabalho Tavares constrói um lugar que abriga alguns dos grandes nomes da literatura e das artes de todos os tempos, dentre eles estão: Eliot, Brecht, Breton, Henri, Valéry etc., as relações entre esses personagens são muito singulares e intrigantes e, por isso, passíveis de análise. Nossa abordagem teórica será feita na teoria do cronotopo desenvolvida por Bakhtin, nela o teórico analisa as relações tempo/espaço que produz movimentos de interpretação de determinadas obras literárias e filmes. A coleção ora analisada apresentará um pouco da obra de Tavares e sua relação com a teoria bakhtiniana.,

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; Cronotopo; Gonçalo M. Tavares; O Bairro.

RESUMEN: El present trabajo analiza la colección “El Barrio” del autor Gonçalo M. Tavares. Las relaciones de los personajes con el espacio y el tiempo creados por la narración proporcionan un reflejo de sus significados para la trama. En las novelas que se presentarán en esta obra, Tavares construye un lugar que se alberga algunos de los grandes nombres de la literatura y las artes de todos los tiempos, entre ellos están: Eliot, Brecht, Breton, Henri, Valéry etc., las relaciones entre estos personajes son muy singulares e intrigantes y, por lo tanto, sujetos a análisis. Nuestro planteamiento teórico se basará del cronotopo desarrollada por Bajtín, en la que el teórico analiza las relaciones espacio-temporales que producen movimientos en la interpretación de determinadas obras literarias y cinematográficas. La colección analizada presentará parte de la obra de Tavares y su relación con la teoría bajtíniana.

Palabras-clave: Mijaíl Bajtín; Cronotopo; Gonçalo M. Tavares; El Barrio

Recebido em: 05/01/2022

Aprovado em: 14/04/2022



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Um autor que é reconhecido em sua contemporaneidade não é para muitos. Alguns poucos alcançaram notoriedade em vida, um dos exemplos foi o português José Saramago ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1998. Outros tiveram a oportunidade de verem seus nomes alçarem o rol da fama.

Estamos diante de um desses felizes sortudos, ou melhor, diante de um competente escritor que está sendo aclamado nestes últimos anos tanto em Portugal, Europa e no Brasil. O nome dele, Gonçalo Manuel Tavares. Dezenas de trabalhos de sua autoria já foram publicadas e muito ainda está por vir, conforme promete o autor. Sua visão bastante singular do mundo traduz-se numa escritura de valor ímpar. Sempre inovando o autor busca mesclar narrativas romanescas e estruturas poéticas, com uma aproximação de imagens construídas por ele mesmo.

Em nossa análise daremos ênfase à pesquisa de um teórico que, também, vem ganhando proporções gigantes em solo brasileiro. Destacamos a teoria de Bakhtin, cujo trabalho tem sido salientado em diversos momentos nas academias brasileiras. Sua teoria é objeto de estudo em grupos, conferências, seminários, teses, dissertações e artigos. Em nossa discussão vamos apresentar a teoria do cronotopo, uma de suas mais importantes pesquisas.

Dentro desse arcabouço daremos ênfase à coleção “O Bairro” obra de Tavares que começou a ser publicada no começo dos anos 2000. Com uma narrativa surpreendente o autor busca na história da cultura literária e história nomes que se destacaram e os coloca num lugar que é somente deles. Dessas narrativas sugerimos a aplicação da teoria bakhtiniana do cronotopo poderá indicar um dos possíveis caminhos para entendermos a narrativa de Tavares.

Uma abordagem da teoria bakhtiniana

O século XX trouxe consigo grandes mudanças no pensamento filosófico mundial. Nossas ideias pré-concebidas da vida cotidiana, dos relacionamentos comunitários e a relação de cada indivíduo consigo mesmo. Houve também quebras de expectativas, e os anseios das necessidades humanas sofreram transformações que mudaram o modo de ver e de pensar das comunidades globais.

O mundo que outrora passara por mudanças lentas e pontuais vê no século XX uma explosão de acontecimentos rápidos e revolucionários. As duas guerras mundiais fizeram com que os países que estavam na frente de batalha desenvolvessem tecnologia de ponta para estar um passo a frente de seus inimigos. A “guerra fria” empreendida pelos EUA e a União Soviética trouxe uma corrida para ser a maior potência mundial culminando até com a chegada do homem à Lua.

No campo filosófico/teórico o *modernismo* é substituído pelo *pós-modernismo*, e possui características que ao mesmo tempo contradizem, mas também aproxima do *modernismo*, como Lemert enfatiza: “Não precisamos ser pós-modernistas para admitir que o mundo esteja mudando. É ao menos óbvio que o mundo que por um longo tempo foi considerado ‘moderno’ passa por uma crise de graves proporções, uma crise global” (LEMERT, 2000, p. 54).

Alguns filósofos dentre entre Foucault, Derrida e Bakhtin vão tentar conceituar o mundo que estavam vivendo. Derrida usa o termo “*desconstrução*” para analisar textos e filosofias de gerações, para ele todo texto pode ser relido, e suas impressões originais podem ser mudadas. Já Foucault teoriza sobre a “*relação de poderes*” ele critica os poderes que agiam há muitos séculos, principalmente o Estado e a Igreja, e propõem que os poderes sejam constituídos a partir da prática social.

Bakhtin, teórico que destacaremos nesse trabalho, é filósofo, crítico literário e linguista. Nasceu na Bulgária e formou um círculo que posteriormente foi chamado “Círculo de Bakhtin” composto por intelectuais e artistas de diferentes áreas que se destacaram pela sua criatividade nas artes e ciências

humanas na primeira metade do séc. XX. Alguns dos amigos que faziam parte desse grupo eram Voloshinov, Medvedev, Sollertinski, Pumpianski, entre outros.

Algumas de suas obras são assinadas pelos seus amigos, não se sabe ao certo o porquê, mas algumas evidências apontam para o fato de que ele não poderia assinar pela sua condição de opositor ao governo russo. Sua análise do século XX, do mundo em que vivia, foi fundamental para que entendêssemos o rumo que o pensamento humano estava atravessando naquela época. Como pensador russo que viveu no período da revolução e por ser cristão ortodoxo, foi acusado e preso pelo governo, sua história pessoal cheia de infortúnios não o desestabiliza em escrever e teorizar sobre a humanidade, a literatura e a filosofia.

Os principais conceitos filosóficos formados em Bakhtin são o dialogismo, polifonia, carnavalização e cronotopo. Bakhtin faz uma leitura crítica dos principais teóricos do seu tempo e os anteriores, nesses diálogos ele se posiciona, em alguns casos positivamente, acatando suas teorias e em outros sua crítica é negativa expondo suas falhas principais e propondo outros caminhos.

Bakhtin também se posiciona de forma crítica ante os formalistas russos, estes intelectuais estudam o texto literário apenas em seu caráter intrínseco, e batizam essa teoria de *literariedade*: “o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra literária uma literatura” (JAKOBSON, 1921 apud SCHNAIDERMAN, 1976, p. ix-x). Ou seja, tudo que não fazia parte do texto: autor, contexto histórico e outros pressupostos não contavam para sua análise. Para Bakhtin o texto era formado pelo emaranhado de diálogos trazidos pela vivência do autor e deu o nome de teoria do “dialogismo”. Alguns teóricos que analisaram a obra de Bakhtin posteriormente chamaram esse conceito de “colcha de retalhos”.

O dialogismo foi um avanço significativo dentro da teoria literária, já que no século XVIII e XIX, o começo da disciplina na Inglaterra, a teoria predominante era a impressionista, teoria que estudava apenas as impressões de um texto literário, a crítica impressionista deu lugar à Nova Crítica formulada pelos americanos e na Rússia os Formalistas ganharam espaço com o avanço da Teoria Positivista e o advento do Modernismo.

Cabe lembrar que essas teorias gozavam do prestígio das Ciências Naturais que despertaram o interesse da humanidade com o famoso estudo evolucionista de Charles Darwin no livro “Origem das Espécies”. As impressões tinham sido deixadas para trás, agora o saber ancorado em comprovação científica estava em pauta. Mas no começo do século vinte os cientistas filósofos e teóricos começaram a entender que nem todas as pesquisas científicas traziam os resultados esperados, e alguns desses resultados podiam ser obras de erros conscientes ou não.

Bakhtin foi um dos primeiros a se despertar para a falácia da cultura científica positivista. Para ele a resposta não está apenas nas pesquisas de laboratório, o ser humano tem um papel primordial para que o resultado possa ser alcançado com satisfação. A complexidade das relações humanas, e sua história pessoal: convivência com os pais, formação escolar, escolhas dos amigos, interferências da igreja, comunidade em que vive etc., formarão o ser humano que vai escrever, contar e fazer suas próprias escolhas.

Dentro desses conceitos Bakhtin reforça a ideia de que o ser humano é ao mesmo tempo passional e racional. Não podemos ser o tempo todo racionais, mas também não podemos ser totalmente passionais. O ser humano precisa de um meio termo para que possa viver bem, por isso a ciência pela ciência não funciona e também a emoção pela emoção tende a fracassar.

A dicotomia ciência/cotidiano foi por muito tempo motivo de debates e controvérsias acaloradas. Desde a subversão do homem aos ideais da igreja e a cosmovisão da humanidade passou de teocentrismo (Deus como centro do universo) ao antropocentrismo (homem como centro do universo) a ciência conseguiu, no campo filosófico, determinar os rumos do pensamento erudito. Mas no século XX essa dinâmica tendeu a declinar e uma das principais vozes foi a de Bakhtin.

A teoria bakhtiniana desenvolve-se em muitas frentes, vejamos algumas delas. Uma das mais conhecidas é de que o ser humano sempre se constrói através da alteridade e do conflito, não há como uma pessoa manter-se distante do conflito. A própria construção social do indivíduo já o põe em oposição às

demais pessoas. As sociedades são forjadas pelo limite que tem com outras. As nações são erigidas pela diferença com outras nações. Essas relações são chamadas na teoria bakhtiniana de dialogismo. Segundo Barros e Fiorin:

Muitas vezes utilizados como sinônimos, dialogismo e polifonia serão distinguidos neste trabalho. Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que se constituem. **Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso. Em outras palavras, o diálogo é condição da linguagem e do discurso**, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas (2003, p. 6, grifos nosso).

Outra teoria bastante citada pelos estudiosos de Bakhtin é a teoria do Enunciado e da Enunciação. Essa teoria trabalha com a voz do sujeito, pois quem fala sempre espera uma resposta. Na literatura, por exemplo, o autor ao escrever está representando uma voz social de determinado lugar ou de uma sociedade. Esta voz que perpassa o autor que deixa sua marca na escrita de um livro recebe uma resposta quando o livro chega ao leitor.

Ainda em Bakhtin encontramos a teoria da carnavalização: “Não se deve entender o Carnaval como fenômeno boêmio e banal, mas como uma “grandiosa cosmovisão universalmente popular de milênios passados” (BAKHTIN in BARROS e FIORIN: 2003, p. 51). Bakhtin via duas formas de protestos na Idade Média, a primeira “o desabafo do povo era em praça pública e acontecia através do humor. A segunda era realizada no carnaval, ali o povo se divertia, o rico e o pobre estavam no mesmo lugar e as máscaras igualava-os. O carnaval era o momento da libertação do julgo e da escravidão, todos eram iguais: Bakhtin denomina carnavalização da literatura. ‘O Carnaval é um espetáculo sem palco e sem separação entre atores e espectadores’” (BAKHTIN in BARROS e FIORIN: 2003, p. 51).

Interessante notar que os primeiros carnavais foram dentro das igrejas, mas com o passar do tempo a Igreja notou o caráter revolucionário dos mesmos e os expulsou de seus domínios. Bakhtin via no carnaval uma forma de bagunça às ordens constituídas pela Igreja e pelo Estado.

O conceito de cronotopo, que é o objeto principal de nosso estudo nesse trabalho, foi desenvolvido por Bakhtin ao fazer análises críticas de alguns filósofos. Originalmente Bakhtin concebeu a teoria da Exotopia e do Cronotopo: “Cronotopo e exotopia são dois conceitos de Bakhtin que falam do espaço-tempo. O primeiro foi concebido no âmbito estrito do texto literário; o segundo refere-se à atividade criadora em geral – inicialmente à atividade estética e, mais tarde, à atividade da pesquisa em Ciências Humanas” (AMORIM in BRAIT, 2014, p. 95). As principais características da teoria do cronotopo são: 1) O tempo e o espaço estão ligados de modo intrínseco, necessário; 2) O tempo e o espaço são o continente de atividade (ainda que muitas vezes pouco visível); 3) O tempo e o espaço unidos no Cronotopo variam de acordo com as ordens, aspectos, séries e momentos do universo.

Os filósofos com quem Bakhtin dialogou sobre esta teoria são: Minkowski (1864-1909) propõe que a quarta dimensão não separa espaço de tempo e que postula que diferentes épocas combinam diferentemente o tempo e o espaço. Do físico Albert Einstein (1879-1955) a ideia referente à relatividade e ao espaço-tempo (tempo entendido como a quarta dimensão do espaço). Ukhtomski (1875-1942) postula o caráter imediato do tempo e do espaço na experiência dos organismos. E de Kant (1724-1804) sobre as categorias das percepções e suas formas (que dá suma importância à relação tempo, espaço, casualidade), de quem Bakhtin tira o caráter transcendental. Em suma, no cronotopo de Bakhtin podemos identificar que: a) A forma de entender o mundo da experiência; b) A forma de organizar os discursos; e c) A arquitetura dos gêneros:

Bakhtin propõe o estudo de obras literárias, por exemplo: o “cronotopo da viagem”. E, relaciona da seguinte maneira: a questão ética, as ideias do tempo e espaços são realidades inseparáveis; a estética está fundada num aqui e num agora vinculados a forma de apreensão do mundo, histórica e socialmente

concebidos; a tentativa de mostrar a elaboração do conceito cronotopo, ilustra e reforça o caráter essencialmente filosófico do círculo, de uma filosofia socrática perigosa do séc. XX, na União Soviética, como a filosofia do próprio Sócrates na Grécia Antiga.

Einstein, já citado acima tem um papel fundamental na teoria do cronotopo, Amorim (2014) afirma que: “Bakhtin toma-o emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, sendo este último definido como a quarta dimensão do primeiro” (2014, p. 102). O cronotopo é uma fusão entre o espaço e o tempo.

O cronotopo pode mudar o ambiente em que se desenvolve o enredo da história, sem ele não existiria o desenrolar dos fatos. O cronotopo é o lugar mais importante do enredo, sua fusão do espaço-tempo leva a concretização dos fatos e todas as consequências, Amorim cita o cronotopo da estrada, ali se desenrolam todas as ações principais que mudam a vida das personagens.

O tempo para Bakhtin movimenta-se, transforma-se, se metamorfoseia. Não é um tempo cronológico, mas é o tempo do romance. Pode ser contado por dias, meses ou anos, mas não necessariamente nesta ordem e também pode ser um tempo atemporal conforme a necessidade do enredo ou perspectiva do autor. O espaço pode ser físico ou psicológico podendo passar pelo fluxo de consciência, ou seja, de maneira muito subjetiva e individual.

Para Bakhtin o cronotopo denota um lugar coletivo, onde várias histórias se contam ou se escrevem. Mesmo um sujeito individual e privado está inserido em uma coletividade, em grupos. Para o teórico não existe indivíduo isolado, ele sempre terá inevitavelmente uma gama de conhecimentos advindos de outros e completando-o.

No estudo do cronotopo podemos identificar a visão de um determinado grupo de pessoas, ou mesmo de uma só pessoa. Isso se dá ao analisarmos um determinado lugar espaço-temporário e compreendermos a produção discursiva desse grupo. Uma das ações que podemos identificar a produção discursiva de uma pessoa é o diálogo, nela há ação e transformação. Mesmo nos momentos de tensão pela presença do outro a teoria do cronotopo admite essa possibilidade:

A tensão em Bakhtin não é algo negativo nem algo a ser superado. Ao contrário, ela é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do *outro*, daquele que não se identifica comigo, daquele que me escapa e quem a minha palavra dirige. Do mesmo modo, em se tratando de cronotopia e exotopia, eles seriam, seguindo nossa hipótese, conceitos que colocam em cena, ao mesmo tempo, a indissolubilidade e a diferença entre dimensão espacial e dimensão temporal (AMORIM in BRAIT, 2014, p. 111).

Tempo e espaço estão sempre ligados um ao outro e não há tensão entre os dois, o resultado dessa aliança nos romances, segundo Bakhtin, paisagens que se alinham com o tempo e com os personagens dos romances ou de filmes.

O estudo de GARCIA (2014,) traz alguns das principais funções mais importantes no cronotopo. “(1) O cronotopo como categoria teórico-cultural; (2) O cronotopo como categoria teórico-genérica; (3) O cronotopo como categoria teórico-narrativa; (4) A função figurativa (estética) do cronotopo; (5) O cronotopo e a representação literária do ser humano; (6) o cronotopo como categoria estético/produzida e receptiva” (2014, pp.1-2). Nessa pesquisa o autor argumenta sobre a teoria do cronotopo e cita os passos de Bakhtin para tentar conciliar a Física, a Filosofia e a Ciência Literária.

Os senhores, “O Bairro” e a construção literária de Gonçalo M. Tavares

A literatura portuguesa mãe da literatura brasileira produz textos de qualidade singular a muito séculos. Nossas mentes não podem se esquecer de Gil Vicente, Camões, Antero de Quental, Eça de Queiros e José Saramago. Destaca-se nestas últimas décadas o escritor de origem angola Gonçalo M. Tavares cuja

biografia foi tratada na dissertação de mestrado de Cardoso (2013). Tendo uma vasta bibliografia Tavares é analisado nesse trabalho na perspectiva da teoria bakhtiniana.

Em um dos seus projetos mais ousados Tavares dá vida a personagens fictícios que já viveram no passado e os coloca num lugar denominado “O Bairro”. Esse lugar é como um bairro qualquer de um lugar qualquer. Seus habitantes são pessoas normais que fazem seus trabalhos cotidianos e vivem, aparentemente, em harmonia. As características deste bairro são de um lugar tranquilo e pacato, típico das menores cidades, geralmente situadas no interior.

Seus moradores se conhecem pelo nome, todos sabem um pouquinho do outro, e juntos convivem com simplicidade e harmonia:

É simples e rápido de contar: o cão de um vizinho, mais precisamente do senhor D., cegou. Uma doença e a idade.
O cão sempre vivera e passeara por ali, pelas redondezas, pelo meio dos sons, dos cheiros, daquele ar.
O senhor Calvino oferece-se. Ao fim do dia ia buscar o cão cego e levava-o, de coleira, a passear pela cidade (TAVARES, 2007, p. 51).

A vida das pessoas era assim serena e tranquila. Muitas vezes elas iam, a convite, numa conferência ou palestra. E ali elas eram confrontadas com um novo tipo de mundo, para muitos deles era a primeira vez que isso acontecia: “o senhor Swedenborg acabara de sair da sala onde o senhor Brecht costumava contar as suas histórias [...], e dirigia-se agora [...] a passo rápido para não chegar atrasado, a mais uma conferência do senhor Eliot” (TAVARES, 2011, p. 11).

Os personagens principais dos romances tinham uma atividade específica. Um investigava fórmulas geométricas: “O senhor Swedenborg ainda escutou metade do título da conferência, mas de imediato a sua cabeça retomou o ponto exato onde tinha ficado suas investigações geométricas” (TAVARES, 2011, p. 12), outro contava histórias: “Apesar de a sala estar praticamente vazia o senhor Brecht começou a contar suas histórias” (TAVARES, 2005 p. 13), outro realizava conferências: “Já passara muito da hora combinada para o início da conferência – senhor Eliot subiu, então, para o estrado de onde iria falar” (TAVARES, 2012a, p. 13).

Ainda temos outros personagens que concediam entrevistas, outros meditavam, cuidava da natureza, cronista no jornal da cidade, dentre outras atividades. Todos eles eram bem conhecidos pelas suas atividades e extravagâncias: “Cruzou-se nessa altura com o senhor Calvino, que levava uma barra de ferro paralela ao solo” (TAVARES, 2011, p. 11). Nesse emaranhado de personagens com suas maneiras próprias de ver o mundo surge um lugar totalmente adequado para absolver todo esse potencial.

O espaço criado por Tavares é simplesmente conhecido por “O Bairro”, não existe nomes próprios para as ruas e avenidas e, tampouco, sabemos o nome da cidade. O que é mais importante nesse lugar são as pessoas que moram ali. Seus nomes remetem a autores e críticos literários que viveram no mundo real e alcançaram notoriedade pela elaboração de suas obras, deixando um legado para as gerações futuras.

Nomes como o de Calvino, Eliot, Breton, Walser, Kraus, Brecht (teatro), Swedenborg (filósofo), Juarroz são figuras que a humanidade reverencia pela sua importância na cultura, literatura e filosofia. Nesta comunidade denominada “O Bairro” estes autores se reúnem num espaço único, recriando uma atmosfera que não existiu na realidade, já que cada personagem viveu num determinado período da história humana.

Juntos, um ao lado do outro vivendo no mesmo bairro, eles formam o que há de melhor no conhecimento científico humanista do mundo real, e o autor dos romances encontra um espaço somente para eles, que é só deles. E ali Tavares pode recriar e fazer uma releitura de cada um conforme o seu desejo artístico.

O projeto da coletânea “O Bairro” é para uma vida, segundo o autor, serão trinta e nove (39) romances. Cada um será uma homenagem a uma pessoa real que contribuiu para que as ciências humanas chegassem ao patamar de nossos dias. Destes trinta e nove romances foram publicados dez (10): O Senhor

Brecht (2005), O Senhor Calvino (2007a), O Senhor Juarroz (2007b), O Senhor Kraus (2007c), O Senhor Walser (2008), O Senhor Breton e a entrevista (2009), O Senhor Swedenborg e as investigações geométricas (2011), O Senhor Eliot e as conferências (2012a), O Senhor Henri e a enciclopédia (2012b) e O Senhor Valéry e a lógica (2012c).

“O Bairro” representa mais do que um amontoado de pessoas que são reconhecidas pelas suas reputações. E neste interim que nos atentaremos, a partir de agora, nessa pesquisa. Como a teoria do cronotopo, proposta por Bakhtin e definida nas primeiras páginas da pesquisa pode ser reconhecida e aplicada nos romances da coleção de Tavares? Podemos distinguir, a partir do texto, uma aproximação entre a teoria bakhtiniana?

A primeira afirmação baseada no espaço construído por Tavares é de que ele é único. Não há fora do contexto literário mencionado um lugar que se aproxime das características arroladas na trama desses romances. Embora, como mencionado nas linhas acima, “O Bairro” tenha características de um lugar qualquer, em alguma cidade, não podemos nos esquecer de que esse mesmo lugar não tem nome, localização, e ainda mais, não há menção de tempo, por isso podemos afirmar então que as narrativas se passam num tempo atemporal.

Além disso, os personagens famosos que encontramos nas tramas, se despem das suas características que os marcaram em suas histórias reais e, agora, o autor dá para cada um deles características novas, surreais e determinam seus caminhos com outras experiências. Portanto, o novo significado característico desses textos são uma completa mudança de posição em relação a realidade que somente o texto literário pode fazer.

“O Bairro” numa perspectiva da teoria do cronotopo

Se colocarmos o espaço construído para os personagens como um lugar que representa a teoria do cronotopo teremos, portanto, que começar identificando esse lugar. “O Bairro” é um espaço totalmente representativo, nele encontramos casas, ruas, avenidas, salões, lugares mais afastados, como por exemplo, uma chácara que fica aos arredores do Bairro: “Como o senhor Walser está contente! No meio de arbustos, ervas selvagens e outras manifestações da natureza ainda em pleno e imprevisível trajeto da vida, eis que foi possível construir [...] a casa simples” (TAVARES, 2008, p. 11).

Num lugar comum temos a fusão de dois ingredientes indispensáveis para a teoria do cronotopo: tempo e espaço. O espaço representado pelo lugar onde os personagens moram e se relacionam o tempo não medido por horas e minutos, pois não existe menção de dias e anos percorridos, mas de um tempo que se faz presente pelos sonhos dos personagens: “Três sonhos:/ 1º Sonho/ Do alto de trinta andares, alguém atira da janela abaixo os sapatos de Calvino e a sua gravata” (TAVARES, 2007, p. 9); em outras ocasiões pelo acordar, pelo levantar etc.

O cronotopo a representação simbólica dos personagens daquele lugar. Não há em nenhum outro espaço no mundo real que poderia juntar pessoas tão singulares como naquele lugar. “O Bairro” significa mais que apenas um ambiente para unir pessoas desconhecidas e fazerem com que elas se identifiquem simplesmente por morarem perto uma das outras. Esse lugar é especial porque moram pessoas especiais.

“O Bairro” poderia ser uma espécie de confraria? Um café? Ou até a representação mitológica do céu, se ponderar o uso cristão para o termo? A confraria e o café são os lugares frequentados pelos intelectuais, nas ruas de Paris, Lisboa, Londres e Rio de Janeiro, quem são estes frequentadores: os filósofos, cientistas e literários que marcavam encontros para discutirem os assuntos pertinentes aos seus interesses.

E qual representação poderia ser adquirida nesse contexto? Usualmente o céu é aonde as pessoas boas vão quando morrem. “O Bairro” seria uma espécie de céu que para lá iriam os intelectuais escritores que tiveram uma ampla aceitação de seu trabalho enquanto viviam na terra.

E esses personagens só são reconhecidos pelo público leitor, não há nenhuma alusão de suas vidas reais nos romances. Os personagens emprestaram o nome de pessoas reais, mas eles têm existência própria, com suas personalidades e seu cotidiano totalmente diferente da realidade.

O cronotopo, como já analisado nesse artigo, representa indivíduos que não estão isolados. Cada qual representa algo dentro de uma coletividade. Os personagens da coleção são sistematicamente organizados para que se complete a história. Na coleção “O Bairro” as histórias são individuais, mas que ao mesmo tempo se completam nos demais exemplares:

O senhor Manganelli, organizador da conferência, cumprimentou o senhor Borges, o senhor Breton e o senhor Swedenborg.

Hoje não está muita gente – disse ao senhor Eliot o senhor Manganelli, desculpando-se.

O senhor Eliot sorriu.

Já passara muito da hora combinada para o início da conferência – o senhor Eliot subiu, então, para o estrado de onde iria falar.

O senhor Breton e o senhor Borges, acompanhados naquele dia pelo senhor Balzac, sentaram-se nos seus lugares. O senhor Swedenborg estava há muito sentado, de olhos fixos atentíssimos. Estava já se concentrando mentalmente nas suas próprias investigações geométricas (TAVARES, 2012a, p. 13).

Neste trecho o narrador declara que há seis personagens, o principal que é o senhor Eliot, que dá o nome ao título do romance: *O senhor Eliot e as conferências* (2012a), mais o organizador da conferência: o senhor Manganelli, e os ouvintes os senhores Breton, Borges, Swedenborg, Balzac. Já no romance *O senhor Breton e a entrevista* (2009) o personagem principal (Breton) estava se entrevistando, como seria isso? Ele colocou uma cadeira na frente do espelho e se autoentrevistou: “Ia começar a entrevista. O senhor Breton sentou-se, pegou um cigarro, fumou um pouco. Ligou o gravador. Começou a entrevista” (TAVARES, 2009, p.7).

Numa de suas repetidas pausas para fumar e meditar o senhor Breton pensou em um morador do Bairro: “O senhor Breton olhou para espelho. Parou o gravador. Lembrou-se, sem saber bem por que, do senhor Juarroz, um morador de outro prédio, que tinha muita dificuldade em pensar em uma coisa e vê-la ao mesmo tempo” (TAVARES, 2009, p. 16). Neste caso o personagem principal do romance (senhor Breton) faz uma ponte com outro personagem, o senhor Juarroz, que é o protagonista da narrativa: *O senhor Juarroz* (2007b): “Para mostrar que não se submetia à ditadura das palavras o senhor Juarroz todos os dias dava um nome diferente aos objetos” (TAVARES, p. 21).

Os personagens vão passando de um texto ao outro, todos os eles de alguma maneira fazem alusão aos demais. A cosmovisão que temos a partir desses movimentos é de que o narrador tenta “amarrar” as narrativas em um cordão invisível que dá sustentação à coleção. Temos aqui um cronotopo de cidade e aprofundando mais ainda temos uma representação cronotópica de bairro, ao qual as pessoas, muitas vezes sem saber, estão ligadas/amarradas as outras pelo mesmo espaço e pelo mesmo tempo em que estão juntas em um determinado lugar.

“O Bairro” é o lugar em que as coisas acontecem, o senhor Breton se lembra do senhor Juarroz, ao proferir uma palestra; o senhor Eliot junta alguns moradores do bairro em um único espaço. O tempo atemporal pode significar as pessoas vivendo tranquilas sem a pressão do relógio, com exceção das reuniões e conferências que precisa de horários para começar e terminar.

Um lugar ideal para sonhar, trabalhar, passear, meditar e se relacionar. É a visão cronotópica de que tudo ao mesmo tempo em que está estático e devagar aos poucos se move em diferentes direções. Um lugar para o leitor deixar de lado tudo aquilo já leu sobre esses homens e mulheres nas teorias literárias, poemas e romances. É o lugar do novo, para despir-se de toda ideia pré-concebida e dar uma roupagem nova a imaginação.

Não há um determinismo nas narrativas desses romances, os personagens são guiados pelos seus próprios interesses. Confira a entrevista do senhor Breton, ali não há um interlocutor, mas um móvel com que conversa (o espelho). Esse exemplo nos mostra a sobrevivência do indivíduo que procura a satisfação consigo mesmo. Não precisa de um entrevistador, ele mesmo faz o papel de repórter e entrevistado, basta um gravador e um espelho e já está montado o palco para o espetáculo.

Na comunidade do bairro a ação do cronotopo é evidenciada na maneira de agir, de pensar e nas relações interpessoais. O bairro é o centro de onde saem as conversas, as reuniões, a meditação e o desenrolar das narrativas. Não existe outro espaço que se desenrolam as tramas narrativas, o bairro é o lugar onde estão e ali ficarão.

Como centro da vida dos personagens o espaço é constantemente alvo da observação do narrador. Ele constrói um ambiente agradável para que a trama pudesse se desenvolver. Não são cenas do cotidiano real, se assim o fosse haveria espaço para intrigas, mentiras, roubos, desonestidades e outras ações. “O Bairro” tem características de um grupo de pessoas que ainda vivem nos séculos passados.

Sem a presença de tecnologia de ponta o narrador foge da correria do nosso mundo contemporâneo. Os personagens mais calmos, sem a agitação da vida moderna, podem desenvolver relacionamentos melhor e refletirem com mais paciência sobre os problemas da vida.

Conclusão

O cronotopo, teoria de Bakhtin, contribui para que possamos enxergar na coleção “O Bairro” de Tavares, as relações que unem os personagens da coletânea. Suas expressões externas de singularidades e individualismos, na verdade são reveladas no plano interno, uma espécie de “linha invisível” que une todos os romances. As ligações que encontramos nos diálogos e nas ações de “senhores” reportando a outros personagens evidenciam a união de cada obra à macro-narrativa.

Devemos ao cronotopo a explicação da maneira de agir de cada personagem e o seu posicionamento do espaço do bairro. Cada um tem seu lugar pré-determinado pelo narrador, suas particularidades não são evidenciadas por nenhum outro. Determinante também é o tempo vivido no bairro, não encontramos em nenhuma das narrativas a menção a ano, data, horas etc., é um tempo atemporal, que só acontece na coleção, mais importante ainda é buscarmos fora do texto narrativo o momento vivido por cada personagem, cada um é de uma época, de um determinado período de tempo. Na coleção todos estão juntos, unidos por um espaço e um tempo.

Na união Tavares/Bakhtin temos uma narrativa que reflete os nossos dias. Narrativa que tenta se afastar dos conceitos sociais, ainda assim é marcada por ela. O homem retratado na coleção é um homem isolado, mas reproduz o meio em que vive, ele é produto do lugar em que vive e suas atividades são as que são impostas pela sociedade.

Sua vida pacata o convida para a meditação, mas sua mente não consegue esvaziar-se dos problemas cotidianos, e quando pensa nas teorias que o incomodam ele não consegue achar uma solução. Sempre atormentado pelo cotidiano, pela práxis o homem relatado na coleção não consegue satisfazer-se completamente. Ele sempre está a procura de algo, mesmo que isso seja ínfimo.

Suas realizações são feitas no bairro, o seu cronotopo, é o seu espaço e seu tempo. Não dá para fugir desse estigma. Tavares constrói um labirinto de onde os personagens não conseguem sair, são ali que eles se encontram, constroem-se e firmam-se.

No meio de uma sociedade que vivemos não há muitas escolhas também. O homem real é refém do dinheiro, da posição social que vive e das escolhas que faz. Por isso, sua existência depende não só dele, mas de uma série de fatores que fogem do seu controle, sua vida é condicionada a aceitar passivamente a determinação do outro.

Referências

AMORIM, Marília. **Cronotopia e exotopia**, in BRAIT, Beth (org). *Bakhtin outros conceitos-chave* (2014). São Paulo: Contexto.

BAKHTIN, Mikhail (2006). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12^a ed. Hucitec. Edição digitalizada.

BAKHTIN, Mikhail (2002). **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5^a ed. Hucitec. Edição digitalizada.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade** (2003). Ed. 2^a. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

CARDOSO, Fabiano. **Pós-modernismo e ironia na coleção “O BAIRRO” de Gonçalo M. Tavares**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de Maringá –UEM. Disponível em:

<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/fcardoso.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2014.

GARCIA, Luiz Fernando (2014). **A teoria do cronotopo literário de Bakhtin**. Sem publicação.

SCHNAIDERMAN, B. **Prefácio**. In: EIKHERNBAUM, B. et. Al. *Teoria da literatura: formalistas russos* (1976). Porto Alegre: Globo, p. ix-xxii.

TAVARES, Gonçalo M (2012a). **O senhor Eliot e as conferências**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2012b). **O senhor Henri e a enciclopédia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2012c). **O senhor Valéry e a lógica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2011). **O senhor Swedenborg e as investigações geométricas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2009). **O senhor Breton e a entrevista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2008). **O senhor Walser**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2007a). **O Senhor Calvino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2007b). **O senhor Juarroz**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2007c). **O senhor Kraus**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

_____ (2005). **O Senhor Brecht**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.